

Desdobramentos da Educação Física Escolar e Esportiva

Adalberto Ferreira Junior
(Organizador)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Adalberto Ferreira Junior
(Organizador)

Desdobramentos da Educação Física Escolar e Esportiva

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D449 Desdobramentos da educação física escolar e esportiva [recurso eletrônico] / Organizador Adalberto Ferreira Junior. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-58-1
DOI 10.22533/at.ed.581181510

1. Educação física para crianças. 2. Psicomotricidade. I. Ferreira Junior, Adalberto.

CDD 613.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os professores da Educação Física Escolar adquirem conhecimento por meio de um conjunto de disciplinas. Este conhecimento é utilizado principalmente para a formação do cidadão, e para inserir, adaptar e incorporar o aluno a prática corporal. Sendo assim, é necessário conhecer as ciências humanas, ciências sociais, ciências biológicas, psicologia, educação, lazer/recreação, ginástica, entre outras disciplinas.

A obra “O desdobramento da Educação Física Escolar” é um e-book composto por 11 artigos científicos, dividido em duas partes. A primeira intitulada “Aspectos das ciências sociais, educação e psicologia relacionados à Educação Física” apresenta reflexões sobre diversas temáticas como aspectos históricos, processo ensino-aprendizagem, psicomotricidade, imagem corporal, entre outras. A segunda parte intitula-se “A Educação física visando a qualidade de vida e a saúde” e apresenta reflexões com ênfase no exercício físico, qualidade de vida e esporte.

Este e-book reúne autores de todo o Brasil e de várias áreas do conhecimento. Os artigos abordam assuntos de extrema importância na Educação Física construindo assim um referencial sólido e diversificado, visando disseminar o conhecimento e promover reflexões sobre os temas investigados.

Por fim, desejo a todos uma excelente leitura

Adalberto Ferreira Junior

SUMÁRIO

EIXO 1: " ASPECTOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA RELACIONADOS À EDUCAÇÃO FÍSICA"

CAPÍTULO 1 1

A HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA: POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Renan Felipe Correia

Alex Natalino Ribeiro

João Francisco Barbieri

CAPÍTULO 2 11

A NOÇÃO DE *CRISE* DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Alex Natalino Ribeiro

Renan Felipe Correia

Douglas Vinícius Carvalho Brasil

Odilon José Roble

CAPÍTULO 3 23

A SEMIÓTICA E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Alex Natalino Ribeiro

Renan Felipe Correia

Douglas Vinícius Carvalho Brasil

CAPÍTULO 4 29

CONHECIMENTO CONCEITUAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO INFANTIL: PSICOMOTRICIDADE EM FOCO

Luís Felipe Rodrigues

Cássio José Silva Almeida

Marcela Fernanda Tomé de Oliveira

Gustavo Lima Isler

Maria Cândida de Oliveira Costa

CAPÍTULO 5 46

IMPORTÂNCIA DOS JOGOS COOPERATIVOS COM ALUNOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UMA PROPOSTA PARA APLIAR A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

Cássio José Silva Almeida

Marcela Fernanda Tomé de Oliveira

Luís Felipe Rodrigues

Gustavo Lima Isler

Denis Juliano Gaspar

CAPÍTULO 6 58

FORMAÇÃO ESPORTIVA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ENTRE A AGRESSIVIDADE E A VIOLÊNCIA

Fabiano Dias

Greice Kelly de Oliveira

Elisabete dos Santos Freire

Simone Tolaine Massetto

CAPÍTULO 7	78
A AUTOIMAGEM CORPORAL DA PESSOA AMPUTADA MEDIANTE O AVANÇO DA TECNOLOGIA	
<i>Astor Reis Simionato</i>	
<i>Marina Teixeira Costa</i>	
<i>Leandro Oliveira da Cruz Siqueira</i>	
<i>Leandro Reginato de Oliveira Galvão</i>	
<i>Aghata Regina de Oliveira Alves Palmeira</i>	
<i>Juliana Lôbo Froio</i>	
<i>Afonso Antônio Machado</i>	
CAPÍTULO 8	88
POR UM TRATAMENTO MAIS FLUIDO DO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO/ HIPERATIVIDADE	
<i>Naiara Perin Darim</i>	
<i>Patrícia da Silva Fucuta</i>	
EIXO 2: "A EDUCAÇÃO FÍSICA VISANDO A QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE"	
CAPÍTULO 9	94
A INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO FÍSICO NA QUALIDADE DE VIDA É DIFERENTE ENTRE HOMENS E MULHERES?	
<i>Adrielly dos Santos</i>	
<i>Wanderson Roberto da Silva</i>	
<i>Juliana Alvares Duarte Bonini Campos</i>	
CAPÍTULO 10	107
CAPACIDADE FUNCIONAL E PERFIL DE HUMOR DE MULHERES SOBREVIVENTES AO CÂNCER DE MAMA	
<i>Fernanda Zane Arthuso</i>	
<i>Carmen Maria Bueno Neme</i>	
<i>Carlos Eduardo Lopes Verardi</i>	
CAPÍTULO 11	122
SLACKLINE NA ESCOLA	
<i>Iago Dezena Tesche Martins</i>	
<i>Josvania Panetto</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	136

FORMAÇÃO ESPORTIVA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ENTRE A AGRESSIVIDADE E A VIOLÊNCIA

Fabiano Dias

Universidade São Judas Tadeu

Greice Kelly de Oliveira

Instituto Federal de São Paulo

Elisabete dos Santos Freire

Universidade São Judas Tadeu

Simone Tolaine Massetto

RESUMO: O contexto sócio-histórico faz com que os fenômenos “agressividade e a violência” apresentem manifestações e compreensões bastante diversas. Tal fato, nos fornece uma amostra de que o estudo desta temática é tão importante quanto complexo. Explícito e alvo de estudo em diferentes espaços de convívio social, o comportamento agressivo ainda é pouco explorado em estudos relativos à formação esportiva de crianças e adolescentes. Diante da necessidade de ampliação dos conhecimentos acerca desta temática, este estudo teve como objetivo analisar como os treinadores de categorias de base de três diferentes modalidades esportivas coletivas conceituam e lidam com a agressividade e a violência na formação esportiva de crianças e adolescentes. A amostra foi composta por dez treinadores das modalidades basquetebol, handebol e futebol atuantes nas categorias de base de uma instituição de formação esportiva localizada em Barueri. Foram adotados os

procedimentos de coleta e análise dos dados propostos no método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Os discursos nos permitiram compreender que o grupo participante do estudo não demonstrou clareza conceitual sobre os termos agressividade, agressão e violência, porém demonstraram um saber particular sobre o tema na prática cotidiana. A amostra evidenciou, em 80% dos casos, a preocupação na orientação dos atletas no sentido de evitarem o comportamento agressivo, com intenção de machucar, porém todos concordam que a agressividade é importante para o esporte.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Esportiva, Agressividade; Criança.

ABSTRACT: Aggressive behavior is a complex subject that embraces all spheres of society and sport is one of them. This behavior within the sportive sphere is poorly understood and don't receive the same treatment from the scientific research and specifically when it comes to aggressiveness in sporting formation for children and teenagers, the material is still scarcer. Thus, the purpose of this study was to analyze how youth teams coaches of different collective sports deal with the issue of aggressiveness in sporting formation for children and teenagers. The sample was intentionally composed by 10 coaches of three different collective sports, basketball, handball and soccer. For this

purpose we have guided in a qualitative research methodology using an instrument with five open questions. Data were analyzed using the technique of social research called “Collective Subject Discourse”. The obtained results demonstrate that the coaches don’t know how to distinguish conceptually aggressiveness of aggression or violence, but demonstrated knowledge in practice. Eighty percent of the sample revealed the concern in guiding his athletes to prevent aggressive behavior with intent to injure, but all agree that aggressiveness is important to sport.

KEYWORDS: Sports formation; Aggressiveness; Child;

INTRODUÇÃO

No contexto social contemporâneo a temática da agressividade está presente nos diversos âmbitos da sociedade e em uma infinidade de circunstâncias se tornando, de maneira geral, um fenômeno social que ocupa cada vez mais tempo nos veículos de comunicação. É comum ver cenas de pessoas sofrendo agressões e notícias abordando situações de violência sendo transformadas em pauta espetacular pela mídia. A exibição de imagens de guerra em conflitos bélicos internacionais, atentados terroristas contra civis, manifestações violentas por todo o mundo são cenas rotineiras. O agravante é que não se tratam de imagens de ficção, pois estas fazem parte do cotidiano.

O esporte, como fenômeno social, é considerado um dos mais importantes e influentes do século XX, sendo assim, está presente na vida de muitas pessoas de diferentes classes sociais, idades, gênero e religião (PUJALS; VIEIRA, 2002). Está ligado ao homem desde seus primórdios há milhares de anos, quando fugiam de animais predadores e lutavam por áreas e regiões. Registros históricos comprovam que em várias regiões do planeta e em épocas diferentes, os povos praticavam atividades esportivas. Um exemplo são os Jogos Olímpicos da Grécia antiga que foram criados em homenagem aos deuses do Olimpo e datam de 776 A.C (LIMA et al., 2009). O esporte moderno, como é conhecido hoje, teve seu início ligado ao ressurgimento, em 1896, dos Jogos Olímpicos Modernos por Pierre de Coubertin e com a Revolução Industrial no século XIX na Inglaterra onde foram criadas várias modalidades esportivas como o futebol e o hughby. Na Inglaterra, surgiram os primeiros clubes que se organizaram e formaram ligas para disputarem torneios, essa prática se disseminou pelo mundo e o esporte se profissionalizou e se tornou um negócio lucrativo (GONÇALVES; CARVALHO, 2006).

Esse fenômeno social abrange também as crianças e adolescentes que, cada vez mais cedo, estão frequentando as escolas de esportes.

Atitudes e comportamentos são constituintes do processo de formação esportiva e crianças e adolescentes, sejam estes intencionalmente planejados ou não. Entretanto, a organização e prática do esporte sem levar em conta a formação integral do praticante, negligenciando suas dimensões social, cultural, ética e moral, pode não

só perpetuar práticas indesejáveis e prejudiciais aos indivíduos e à sociedade, quanto pode levar as pessoas a desacreditarem nos valores positivos que supostamente podem ser agregados à prática do esporte (SANTOS, 2005).

Vários fatores influenciam o rendimento no esporte, dentre esses, a motivação, a autoestima, a autoconfiança, a ansiedade e a agressividade. Nas práticas esportivas a agressividade pode ser vista como componente importante para o sucesso. Esta pode ser classificada em uma escala, de acordo com a intensidade e tipo, própria a cada modalidade (PUJALS; VIEIRA, 2002).

Uma conduta pode ser considerada agressiva:

Quando uma pessoa desrespeita as normas sociais e as regras esportivas e pretende prejudicar outra pessoa no sentido de provocar-lhe um prejuízo ou dano pessoal, do qual pode resultar alguma forma de lesão corporal ou sofrimento psíquico. (GABLER, 1987, p. 95 apud SAMULSKI, 2002)

Baron e Richardson (1994, p.7) definem a agressão como “qualquer forma de comportamento dirigido ao objetivo de prejudicar ou ferir um outro ser vivo que está motivado a evitar este comportamento”. A agressão é um comportamento humano que pode ser físico ou verbal, não sendo uma atitude ou emoção. A agressão envolve danos e ferimentos físicos ou psicológicos. É dirigida a outro ser vivo ou a si mesmo.

Existem quatro importantes teorias em relação às causas de agressões: a) Teoria do instinto – que acredita que a agressão representa um instinto inato, espontâneo e cumulativo que se acumula por algum tempo e precisa ser extravasada de alguma forma de tempos em tempos; b) Teoria da frustração-agressão – parte do pressuposto de que vivências de fracassos (frustrações) provocam agressões; c) Teoria da aprendizagem social – acredita que a agressão é aprendida por meio de observação de outros, imitação de modelos agressivos; d) Teoria da agressão-frustração revisada – combina elementos da teoria da frustração-agressão com a teoria da aprendizagem social (SAMULSKI, 2002; WEINBERG; GOULD, 2001).

A agressividade, pertencente ao esporte é permitida dentro de regras estruturadas e com condições específicas. Em determinadas modalidades esportivas, muitas vezes as regras a toleram. Sendo assim, as pessoas que estão habituadas a estas disciplinas, começam a ter uma maior aceitação às atitudes agressivas acreditando que realmente fazem parte da modalidade praticada. A agressividade, quando não é mantida dentro dos limites das regras e do bom senso, pode certamente atrapalhar o desempenho do atleta e de sua equipe. (PUJALS; VIEIRA, 2002).

A importância do jogo, a frustração individual, a falta de capacidade para lidar com determinada situação são fatores que fazem com que a violência aflore em determinada situação. A frustração, quando não trabalhada, é geradora de violência (BARROSO et al., 2007).

Samulski (2002) comenta que a agressão ou agressividade é vista com bons olhos, quando bem direcionada. Cita como exemplo quando um jogador de voleibol se esforça para buscar uma bola perdida. Este fato, em Psicologia Esportiva é visto

como comportamento assertivo: jogar pelas regras com alta intensidade e ativação, mas sem intenção de lesionar.

Segundo Barbanti (2005) os processos de formação esportiva nas chamadas categorias de base deveriam, como o próprio nome diz, ser a base para o desenvolvimento e treinamento das habilidades motoras e a formação para o jogo e para o relacionamento amistoso entre as crianças e os adolescentes. Porém, Barbanti (2005) considera que muitas vezes, pais e treinadores não vejam desta forma e vencer torna-se importante demais. Sendo assim, os atletas ainda em formação estão sujeitos a muita pressão e a críticas negativas tanto por parte dos treinadores como dos pais. Essa situação normalmente gera baixa autoestima, comportamentos agressivos e ansiedade excessiva.

A literatura tem evidenciado a busca por fatores que desencadeiam a agressão e a ansiedade. Alguns partilham a ideia da agressão como um instinto de combate, e a ansiedade como a emoção que antecede ou precede os momentos agressivos, comuns a todos os seres vivos (EIBL-EIBSFELD, 1998). Outros acreditam que a agressão é fruto de uma frustração e incapacidade de lidar com determinada situação (BARROSO et al., 2007).

A presença de comportamento agressivo e violento tem relação direta com a importância emocional que a competição representa para cada um (esportista ou torcedor) e seu envolvimento emocional com a atividade. Além disso, é preciso levar em conta a participação direta das expectativas que cada torcedor leva para a competição, o que pode influenciar o comportamento agressivo de cada atleta na competição. Na existência de uma plateia e/ou torcida pode influenciar ou auxiliar a manutenção da agressão, tanto entre os atletas como entre os que assistem (MACHADO; BRANDÃO, 2006).

A agressividade na infância pode ser um sintoma que reflete uma conduta desadaptada, podendo ser normal em certos períodos do desenvolvimento infantil. Conforme as crianças vão crescendo, a tendência é que este comportamento desapareça, se suas necessidades forem sanadas. Nestas horas, é importante a intervenção de um adulto, que esteja atento às mudanças de comportamentos das crianças, sabendo impor limites, que são importantes para a formação dela (FRANÇA; YAEGASHI, 2005).

Quando não se consegue por limites nas atitudes das crianças, estas podem extravasar essa agressividade e passar a ter também condutas antissociais. No processo de formação esportiva, treinadores das categorias de base podem incitar este comportamento julgando estar cumprindo seu papel (MACHADO et al., 2010). A primeira experiência esportiva da criança deve ser agradável e cabe ao adulto a responsabilidade de criar situações de aprendizagem nas quais a criança se divirta, sinta prazer e compreenda a si, ao outro e ao mundo da melhor maneira possível. Atribuir valor excessivo a vitória, por exemplo, pode distorcer a importância da prática divertida para uma prática obrigatória, com única finalidade no produto. Regras rígidas

como acontecem no esporte adulto podem incitar a violência contra juízes e colegas, pois as crianças não têm a oportunidade de se manifestar, discutir e colocar seus pontos de vista com relação a determinadas situações (MACHADO et al., 2010).

Estudo tem como objetivo analisar como os treinadores de categorias de base de diferentes modalidades esportivas coletivas lidam com a agressividade na formação esportiva de crianças e adolescentes.

REVISÃO DA LITERATURA

Agressividade, agressão e violência

Winnicott (1978) afirma que a agressividade é algo inerente a natureza humana e que ela é necessária para a sobrevivência no início de sua vida. Winnicott (1982) reforça ainda, que a agressividade se inicia antes mesmo do nascimento e está presente nos movimentos tônicos da criança, que não é intencional, nem mesmo possui uma conotação de conduta agressiva, no entanto, ira auxiliar o bebê na descoberta de um mundo que não é o seu e, conseqüentemente, iniciar o estabelecimento de uma relação com o mundo externo.

Os movimentos executados pelo feto como o agitar dos braços e das pernas, encontrarão como barreira a barriga de sua mãe, porém não são caracterizados como socos ou chutes, mas sim apenas como movimentos, pois não há intenção de machucar (WINNICOTT, 1994). Esta concepção sobre a agressividade vai ao encontro com o seu significado etimológico que advém do latim *ad* (para frente) + *gradior* (movimento), significando movimento para a frente, assim, sendo uma ação humana não necessariamente destrutiva (RICC, 2002).

Desta forma, para Winnicott (1994), a agressividade traz em si um movimento natural que nesta etapa da vida é apenas um movimento que surgiu por um ato de agressividade, sem intenção de machucar, não sendo assim um ato de agressão.

Agressividade e agressão podem, algumas vezes, serem confundidas e entendidas como tendo um mesmo significado. Agressão (do latim *aggressionem*) significa disposição para agredir, disposição para o encadeamento de condutas hostis e destrutivas (FERREIRA, 1999). Significa ainda ataque à integridade física ou moral de alguém ou ato de hostilidade e provocação (HOUISS et al., 2001). Fernandez (1992) mostra que os termos têm significado distintos: a agressividade pode ser dirigida para outras esferas, como, por exemplo, a aprendizagem ou o esporte e a agressão não pode ser dirigida, é uma ação grosseira (um ato violento) que não traz benefício ao indivíduo que a executa, nem para aquele que foi objeto dela; a agressão é uma conduta manifestada com a intenção de destruir, ferir, degradar ou subjugar uma pessoa (inclusive a si próprio), um grupo de pessoas ou um objeto material (SOFIA; CRUZ, 2012). Os atos agressivos podem ser verbais como um olhar inamistoso, uma palavra mais rude, atitudes físicas como uma bofetada, um assassinato, um suicídio (HOKINO; CASAL, 2001).

A agressividade, também é confundida com a violência, que é definida por Pereira (1975) da seguinte forma:

A violência tem duas conotações primordiais: física e moral. Ela pode ser ostensiva ou secreta. Ser praticada fisicamente, através da agressão material. Mas também evidenciada por meio de gestos, atitudes, palavras, orais ou escritas, e até mesmo pelo simples olhar. Numerosas são as formas de que se reveste a violência como ingrediente de muitas ações humanas. (PEREIRA, 1975, p.61)

Para Winnicott, (2000) os termos não são sinônimos e a violência não é uma expressão da agressividade. Pelo contrário, para o autor, ela é o indício de problemas no exercício, vitalmente necessário, da agressividade. Winnicott (2000) ainda diz que a violência é algo a ser tratado, já a agressividade, algo a ser experimentado, e que é uma das fontes permanentes da vida psíquica junto com a sexualidade. Assim, todo ato violento contém agressividade, mas nem toda agressividade pode ser considerada violência.

Influência genética e social

Alguns sujeitos são mais propícios a atos agressivos e este comportamento pode ser observado desde a tenra idade. Existem estudos que trazem a questão da influência genética para explicar esta situação, Mendes et al. (2009) relatam estudos genéticos realizados com gêmeos e indivíduos adotados, onde foram encontrados substratos relacionados ao desenvolvimento do comportamento agressivo, antissocial e violento. E os resultados destas pesquisas relacionam os genes à enzima monoaminaoxidase (MAOA).

Existem controvérsias em relação à influência de uma maior ou de uma menor expressão genética do polimorfismo MAOA, pois existem estudos, os quais indicam que genótipos de baixa atividade aumentaram o risco de transtornos de conduta agressiva (WIDOM et al., 2006).

Já outros estudos relataram que indivíduos do sexo masculino com genótipos de alta expressão genética, apresentaram significativamente maiores riscos de agressividade do que aqueles com genótipos de baixa atividade enzimática (MANUCK et al., 2002). Mas o que é consenso entre estes estudos é a influência genética no comportamento agressivo.

Outro fator biológico que pode influenciar o comportamento agressivo é o sujeito ser fisicamente forte, pois pode aumentar a probabilidade de que os atos agressivos com intenção de machucar tenham sucesso (BIAGGIO, 1998). Assim, uma criança fisicamente forte pode ter um reforço positivo de sua conduta agressiva, podendo vir a repetir este ato.

O meio social e cultural onde o sujeito está inserido, também pode ser outro fator que pode influenciar o comportamento agressivo. Pois, a cultura de determinado local pode encorajar ou desencorajar tal comportamento (SHAFFER, 2009). Estes meios podem ser a escola, um ambiente esportivo, a mídia e, principalmente, a família.

Existem estudos que mostram que crianças com atitudes consideradas muito agressivas na escola viviam em lares que poderiam ser descritos como solos férteis para a hostilidade e o comportamento antissocial (SHAFFER, 2009; BIAGGIO, 1998). Os resultados destes estudos demonstram que as crianças extremamente agressivas viviam em um ambiente familiar, onde os membros discutiam consistentemente uns com os outros, não havia conversas realizadas de forma amigável e, quando falavam, tendiam a ameaçar, provocar ou irritar outros membros familiares (PATTERSON, 1982).

Winnicott (1987) salienta a importância do ambiente familiar para permitir a expressão e transformação da agressividade infantil, que para o autor no início da vida, não traz consigo a intenção de destruir. O autor enfatiza a função da família de criar condições para a formação de um vínculo seguro e estável para que a criança possa ter um lugar de referência e suporte.

Andrade e Bezerra (2009) apontam para o fato da influência da mídia na conduta agressiva, a maneira como as notícias de fatos violentos do cotidiano são exploradas na televisão, a internet, os jornais e outros. A escola também pode contribuir para a conduta agressiva, assim como o ambiente de prática de atividades físicas como os clubes e escolas de esporte. Nesses locais a criança ou o adolescente, cujo a personalidade encontra-se em constante formação, poderá sofrer influências de outros adultos que podem já ter cristalizado em suas personalidades a conduta agressiva. Especificamente no esporte, o processo de ensino e treinamento poderá influenciar na personalidade do atleta. Assim, o treinador poderá ser um fator de reforço positivo ou negativo, dependendo de sua conduta, para o comportamento agressivo da criança e do adolescente (HOKINO; CASAL, 2001).

Classificação da agressividade

Alguns autores (WEINBERG; GOULD, 2001; SAMULSKI, 2002; HOKINO; CASAL, 2001; BARROSO et al., 2005; BIDUTTE et al., 2005) destacam a importância do treinador na aplicação de uma orientação adequada a seus jogadores, para que a agressividade instrumental não passe para a hostil, pois pode ocorrer, na busca por melhores resultados, por uma vitória a qualquer custo acreditando que a agressão melhora o desempenho esportivo de seu time, podem ordenar aos jogadores que intimidem o adversário de forma verbal ou e executem movimentos agressivos físicos com intensão de machucar.

Bidutte et al. (2005) destaca que as modalidades esportivas coletivas é uma condição facilitadora para a manifestação do comportamento agressivo e, assim, atletas de modalidades coletivas tendem para um maior número de comportamentos agressivos do que os que praticam modalidades individuais. A justificativa para isso é que as ações coletivas favorecem o comportamento agressivo, pois segundo Bandura et al. (1975) as pessoas agem de forma mais cruel quando estão em grupo do que

quando estão sozinhas, pois não assumem a responsabilidade só para si.

Biaggio (1998) diz que a importância do fator modelo é enorme e que as crianças aprendem não apenas o que lhes é dito que devem fazer, mas principalmente o que veem ser feito por outras pessoas. O autor aponta estudos, os quais demonstram que o comportamento agressivo predomina quando os modelos agressivos são abundantes, sejam na figura do pai ou por outros adultos e companheiros. Este modelo de comportamento agressivo passa a ser considerado como uma qualidade e é valorizada e imitada pela criança (MCCORD; MCCORD, 1959).

Outro fator que pode influenciar no desenvolvimento do comportamento agressivo é o reforço positivo, foi verificado experimentalmente que crianças que recebem elogios por baterem em outras pessoas, aumentam o comportamento agressivo mais do que as que não recebem aprovação (GEEN; STONNER, 1971).

Alguns autores observaram que os motivos para a conduta agressiva variam, e propuseram uma classificação para essas diferentes formas de conduta. Bredemeier (1978) e Anshel (1994) classificam os atos agressivos em duas categorias, a agressividade hostil ou reativa e a agressividade instrumental. Berger (2011) acrescenta dizendo que a agressividade pode ser classificada como hostil, quando o principal objetivo de um indivíduo é fazer mal a outro e, reativa quando há uma resposta agressiva a uma provocação, em ambos os casos existe uma intenção explícita de prejudicar ou lesar outra pessoa. Já na agressividade instrumental, o autor descreve as situações em que uma pessoa causa dano à outra ou a machuca, mas com intenção de atingir determinado objetivo.

No âmbito esportivo esta classificação, também, é utilizada e Bidutte et al. (2005) dizem que a agressividade instrumental no esporte pode até envolver dano ao adversário, mas a intenção está relacionada com o alcançar de um determinado resultado esportivo positivo ou impedir que o adversário atinja a sua meta. Gabler (1987, apud SAMULSKI, 2002) exemplifica dizendo que um jogador de futebol ao impedir um chute de seu adversário ao gol, executando um carrinho, ele tem como meta impedir o gol adversário, podendo atingi-lo, utilizando-se da agressividade instrumental a favor de seu time.

Bredemeier (2000) também ressalta a questão de a agressividade instrumental ser utilizada como algo positivo dizendo que ela pode ser necessária à competição, pois pode ser utilizada como foco de atenção na defesa ou invasão dos espaços ofensivos, sem partir para comportamentos que associem agressividade com a violência. Samulski (2002) segue o mesmo pensamento, dizendo que essa agressividade pode ser boa no esporte, como por exemplo quando o jogador se esforça para buscar uma bola perdida no voleibol, assim ele estará jogando pelas regras com alta intensidade, mas sem a intenção de lesionar. Hokino e Casal (2001) acrescentam que basta, para isso, que ela seja usada de maneira construtiva e positiva, de acordo com as regras esportivas e culturais, inerentes ao esporte praticado.

Porém, Hokino e Casal (2001) apontam que a agressividade instrumental pode

ser um caminho para a agressão e a violência e, Romero e Silva (2010) asseveram que instrumentalização da agressividade pode, em alguns momentos, transformar-se em hostilidade.

Sendo assim a agressividade é multifatorial, fatores genéticos e ambientais podem influenciar o comportamento agressivo, porém alguns autores (BIAGGIO, 1998; DIAS, 2000; HOKINO e CASAL, 2001; FRANÇA e YAEGASHI, 2005; GUIMARÃES e PASIAN, 2006; PIETRO e JAEGER, 2008; MENDES et al., 2009; ROMERO E SILVA, 2010) corroboram a mesma opinião dizendo que esses fatores não agem de forma isolada, mas que há sim uma interação entre eles para que possa ocorrer o desenvolvimento deste comportamento.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se classifica como descritiva, qualitativa, uma vez que descreve determinadas características de populações ou fenômenos, particularmente, como os técnicos das categorias de base de diferentes modalidades coletivas lidam com a agressividade (THOMAS; NELSON, 2002; BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Ressalta-se a importância que a pesquisa de abordagem qualitativa oferece para o estudo de fenômenos da área da educação, uma vez que a “pesquisa qualitativa busca captar o dinamismo e a complexidade do objeto de estudo, tendo como referência não só o contexto em que ocorre como também sua constituição histórica” (TASSONI, 2008, p.71). Quanto aos procedimentos técnicos, foi realizado um levantamento de dados em campo.

Amostra

A amostra foi composta por dez treinadores das modalidades basquetebol, handebol e futebol atuantes nas categorias de base de uma instituição de formação esportiva, localizada em Barueri. O critério de seleção foi ser técnico de modalidades esportivas coletivas. Cumprindo com todos cuidados éticos exigidos para a realização de pesquisas com seres humanos e com a devida aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CEP/UPM nº 1448/04/2012). Todos os participantes tomaram conhecimento dos procedimentos de pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a participação, podendo a qualquer momento desistir de participar do estudo.

No primeiro momento, foi realizado contato com a Instituição na qual os técnicos atuam com o intuito de obter a autorização para as entrevistas. Obtida a autorização, foi feito contato com os treinadores participantes da pesquisa para o agendamento da entrevista. O próprio pesquisador entrevistou os técnicos, sendo que as entrevistas aconteceram individualmente, sem a presença de outros técnicos, para não contaminar os resultados. As falas foram gravadas em gravador digital e posteriormente transcritas para análise.

Instrumento de pesquisa

Para esta verificação foi escolhido como instrumento de pesquisa o método do “Discurso do Sujeito Coletivo” (DSC), Lefèvre e Lefèvre (2003).

Neste método utilizam-se questões abertas, previamente elaboradas nas quais os sujeitos podem falar livremente sobre o assunto em questão. Segundo Lefèvre e Lefèvre (2003), o pensamento é algo essencialmente discursivo e só pode ser obtido numa escala coletiva partindo-se de perguntas abertas elaboradas para um conjunto de indivíduos de alguma forma representem essa coletividade, e deixar que esses indivíduos se expressem mais ou menos livremente, produzindo assim um discurso. Questões fechadas não teriam a mesma amplitude de respostas, pois não contemplariam o pensamento individual de cada entrevistado, mas um pensamento pré-definido pelo entrevistador.

A metodologia do DSC é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal. Para confeccionar os DSCs, Lefèvre e Lefèvre (2003) criaram as seguintes figuras metodológicas: a) Expressões-chave (ECH): pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, demarcadas pelo pesquisador e que revelam a essência do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento e que, em geral, correspondem às questões da pesquisa. b) Ideias centrais (IC): é um nome ou expressão linguística que revela e descreve, de forma sintética, precisa e fidedigna, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH, que vai dar origem, ao DSC. A IC não é uma interpretação, mas uma descrição do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos. c) Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): é um discurso síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas ECH que têm a mesma IC.

Coleta de dados

Desta forma, o presente estudo incorporou entrevistas abertas estruturadas, que permitiram ao sujeito discorrer livremente sobre o tema proposto, limitado, entretanto, por um roteiro preestabelecido de 5 questões que nortearam a entrevista com os técnicos. Os depoimentos obtidos foram gravados em gravador digital e, em seguida, transcritos de maneira a recuperar a integridade dos participantes. A transcrição e a organização dos discursos se deram na mesma ordem em que foram realizadas as entrevistas. Os técnicos são identificados ao longo do artigo pela letra S (sujeito), seguida do número da realização da entrevista, exemplo: S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10.

Com os discursos individuais obtidos por meio da entrevista foi confeccionada metodologicamente a expressão do pensamento coletivo. Desta forma, o tratamento dos dados foi organizado de acordo com a metodologia do DSCs de Lefèvre e Lefèvre (2003), que utiliza para tanto os diversos passos da construção do DSC como já

descritos. Iremos apresentar o conteúdo dos discursos mais frequentes podendo, entretanto, descrever outro de acordo com a necessidade da discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo estão apresentados de acordo com o objetivo inerente a cada pergunta da entrevista. O produto de cada pergunta permitiu a captação de ideias centrais (ICs) que possibilitaram a construção dos resultados da pesquisa, isto é, os Discursos do Sujeito Coletivo (DSCs), que serão discutidos mais adiante.

Compreensão sobre o termo agressividade

Com o objetivo de analisar o conhecimento do treinador com relação ao termo agressividade, foi formulada a seguinte questão “Como você define agressividade?”. A tabela 1 apresenta as ICs captadas, a frequência das respostas e o percentual referente a cada IC desta.

	IC (agressividade)	Frequência	%
A	Comportamento	3	30
B	Comportamento ofensivo físico	3	30
C	Comportamento ofensivo verbal	1	10
D	Instinto	2	20
E	Não definiu	2	20

TABELA 1 – Caracterização das ideias centrais, frequência e percentual de respostas para a pergunta: “Como você define agressividade?”

DSC1: referente à ideia central: A – Comportamento (S1, S9, S10).

“A agressividade parte da iniciativa, é o fato do menino querer fazer as coisas fortes em termo de jogo, é ele querer ir forte na bola, ir roubar a bola forte, marcar forte é um menino que tem uma agressividade de jogo. Ela pode ser colocada em uma situação, ou num momento você ser agressivo numa postura, eu acho que as vezes pode ser até positivo a agressividade.”

DSC2: referente à ideia central: B – Comportamento ofensivo físico (S2, S3, S4).

“Agressividade acredito que algo como atitudes ofensivas se for num termo assim mais físico, porque, para você conquistar o objetivo de ocupar um espaço você tem que ter um perfil agressivo, se não, você não consegue e é necessária porque o jogo de contato pede. Eles estão jogando em uma situação forte, com intensidade, se o moleque for agressivo, tiver uma atitude agressiva, isso pode ser positivo no ataque se o moleque for “passivão” sic ele não vai conseguir produzir muito, tem que ser um pouco agressivo.”

Observando a Tabela 1, e diante dos dados obtidos dos DSCs verifica-se que o conhecimento dos treinadores em relação ao termo agressividade é compatível com o que afirma Winnicott (1978). Em relação ao DSC 1, referente à ideia central

A – Comportamento—observa-se que a compreensão dos treinadores é que a agressividade está associada a um comportamento positivo e de iniciativa própria do atleta. Ressaltam que no esporte a agressividade é necessária, pois consideram que ela potencializa a atitude de ir em busca de algo, como de uma marcação para roubar uma bola, ou de uma bola que está quase perdida. Winnicott (1978) destaca que a agressividade é algo inerente a natureza humana e que não possui uma conotação negativa, mas sim é algo a ser experimentado, pois é uma das fontes permanentes da vida psíquica do ser, junto com a sexualidade, assim é algo natural e positivo.

Neste caso os treinadores referem-se à agressividade instrumental que segundo Bidutte, et al. (2005) é um comportamento que pode envolver o dano ao adversário, porém, tem como intuito fazer com que a pessoa alcance as suas metas (resultado positivo) ou impedir que outra pessoa alcance as suas metas (por exemplo, impedir um chute ao gol).

Compreensão sobre o termo violência

Com o objetivo de analisar o conhecimento do treinador com relação ao termo violência, foi formulada a seguinte questão “Como você define violência? ”. A tabela 2 apresenta as ICs captadas, a frequência das respostas e o percentual referente a cada IC desta.

	IC (violência)	Frequência	%
A	Intenção de machucar	4	40
B	Comportamento ofensivo físico e verbal	2	20
C	Índole	2	20
D	Impulso	1	10
E	Não definiu	2	20

TABELA 2 – Caracterização das ideias centrais, frequência e percentual de respostas para a pergunta: “Como você define violência? ”

DSC1: referente à ideia central: A –Intenção de machucar (S1, S2, S3, S10).

“Violência é aquela que vai para bater mesmo, é uma atitude que possa vir a lesar e agredir moralmente ou fisicamente o oponente. ”

A tabela 2 apresenta que 40% dos treinadores definiram que a violência é uma atitude tomada com a intenção de machucar uma pessoa e 20% afirmam que a forma de expressar essa violência pode ser de forma física, verbal ou moralmente. Esta definição vai ao encontro com os estudos de Candau et al. (2001) que afirmam que a violência pode ser definida como ato de agredir física, verbal ou moralmente uma pessoa com fins destrutivos. Andrade e Bezerra (2009, p.448) reforçam este conceito quando dizem que a “violência é uma reação relacionada à intenção de destruir e/ ou negar a existência do outro devido à incapacidade do sujeito de usufruir de forma criativa de sua agressividade...”

Outros 20% definiram a violência como uma índole e 10% como instinto, porém Costa (1986) contrapõe esta definição ao dizer que a essência da violência é o desejo de causar mal, humilhar, fazer a outra pessoa sofrer. Assim o autor destaca que a violência é marcada pelo desejo, que caracteriza o um ato pensado para ferir outra pessoa, portanto, não havendo a violência instintiva.

Compreensão sobre o termo agressão

Com o objetivo de analisar o conhecimento do treinador com relação ao termo agressão, foi formulada a seguinte questão “Como você define agressão?”. A tabela 3 apresenta as ICs captadas, a frequência das respostas e o percentual referente a cada IC desta.

	IC (Agressão)	Frequência	%
A	Intenção de machucar	1	10
B	Comportamento ofensivo físico	1	10
C	Comportamento ofensivo verbal	2	20
D	Não definiu	6	60

TABELA 3 – Caracterização das ideias centrais, frequência e percentual de respostas para a pergunta: “Como você define agressão?”

DSC4: referente à ideia central: D – Não definiu (S1, S4, S5, S7, S8, S9).

“E agressão é quando você tira alguma coisa do menino, você pode ser agressivo, mas não precisa ser violento por isso. ”

Como visto na Tabela 3, analisando os resultados apresentados da IC D verifica-se a dificuldade dos treinadores em definir o termo agressão, pois 60% da amostra deu uma definição imprecisa deste termo, muitas vezes confundindo com agressividade.

E outros casos, o termo agressão foi associado com a violência, essa confusão pode ser explicada pela similaridade que existe entre os termos. Segundo Sofia e Cruz (2012) a agressão é uma conduta manifestada com a intenção de destruir, ferir, degradar ou subjugar uma pessoa, inclusive a si próprio, um grupo de pessoas ou um objeto material.

Assim, evidencia-se a similaridade entre agressão e violência, porém ainda existe diferenças que se dá no desencadeamento dessas ações, a agressão é desencadeada por um impulso (LORENZ, 1966) já a violência por um desejo de causar o mal Costa (1986).

Agressividade instrumental

Com o objetivo de analisar como o treinador lida com a agressividade instrumental deferida por seu atleta, foi formulada a seguinte questão “Quando um jogador de seu time se utiliza da provocação para desestabilizar o adversário, o que você faz?”. A tabela 4 apresenta as ICs captadas, a frequência das respostas e o percentual

referente a cada IC desta.

	IC	Frequência	%
A	Tira do jogo	6	60
B	Conversa com o jogador	4	40
C	Utiliza o fato como estratégia	3	30

TABELA 4 – Caracterização das ideias centrais, frequência e percentual de respostas para a pergunta: Quando um jogador de seu time se utiliza da provocação para desestabilizar o adversário, o que você faz?

DSC1: referente à ideia central: A – Tira do jogo (S1, S2, S3, S4, S6, S9).

“A gente corta na hora, tiro da quadra imediatamente, porque daí para passar para uma agressão, passar para uma atitude negativa que pode prejudicar tanto ele como a equipe é um tiro e eu não concordo com esse tipo de estratégia.”

DSC2: referente à ideia central: B – Conversa com o jogador (S2, S5, S6, S10).

“Eu falo olha você não está com a cabeça no jogo, está pensando em fazer outra coisa que não tem nada a ver com ganhar ou perder a partida. Depois dos jogos a gente tem uma conversa com eles e pontuo os itens negativos e positivos para discutirmos e a gente tenta mostrar que isso não é a maneira correta de jogar e a gente não quer que isso aconteça como educador a gente tem que chamar este garoto e advertir ele de uma forma que ele entenda que aquela atitude foi errada, que não é legal estar cometendo.”

DSC3: referente à ideia central: C – Utiliza o fato como estratégia (S7, S8, S9).

“Eu não peço para fazer isso mas se por ventura o menino fazer e eu ver que ele não está batendo, dando cutucada eu até deixo porque querendo ou não a gente aqui é uma competição e eles irão crescer, irão aprender isso e vai acontecer muito, então se desde o início tiver a oportunidade de ter essa experiência eu já deixo ele vivenciá-la. Aconteceu isso no último jogo nosso onde uma situação de provocação sadia, onde o nosso garoto tentou desestabilizar o outro e ele conseguiu porque o outro não teve função dentro do jogo e a gente conseguiu o objetivo, é uma estratégia.”

Verificando os resultados dos DSCs apresentados, pode observar que 60% dos treinadores têm a atitude de retirar o atleta do jogo quando observa que este está utilizando a agressividade hostil, provocar verbalmente o adversário, com um objetivo instrumental que segundo Bidutte et al. (2005) é utilizada para tentar alcançar de um determinado resultado esportivo positivo ou impedir que o adversário atinja a sua meta.

Os treinadores entrevistados justificam essa atitude alegando que esse tipo de agressividade pode passar rapidamente para uma agressão, caso o adversário revide a provocação, assim torna-se uma atitude negativa que pode prejudicar sua equipe e não dar alguma vantagem. Pujals e Vieira (2002, p. 91) corroboram com essa ideia ao dizerem que “quando o atleta não consegue manter sua agressividade dentro dos limites das regras e do bom senso, atrapalha seu próprio desempenho e até o da sua equipe”. Romero e Silva (2010) apontam que a instrumentalização da agressividade

pode, em algum momento, transforma-se em hostilidade.

Outra atitude tomada por 40% dos treinadores foi a de conversar com o jogador que tomou este tipo de atitude para tentar conscientizá-lo que aquilo é incorreto.

Já 30% dos treinadores disseram utilizar a atitude do atleta como estratégia de jogo, alegando que isso pode desestabilizar o adversário tornando-se um fator positivo para a equipe dentro de uma partida. Outra justificativa é que os atletas terão contato com este tipo de estratégia quando adultos, então é interessante que passem por essa situação o quanto antes. Segundo Geen e Stonner (1971) estes treinadores estão atuando como um reforço positivo para o desenvolvimento do comportamento agressivo. Os autores completam dizendo que crianças que recebem elogios por agredir fisicamente, aumentam o comportamento agressivo mais do que as que não recebem aprovação.

Postura do treinador frente ao comportamento agressivo

Com o objetivo de analisar como o treinador lida com o comportamento agressivo do atleta, foi formulada a seguinte *questão* “Quando você percebe que um jogador está muito nervoso e agressivo (violento), o que você faz? ”. A tabela 5 apresenta as ICs captadas, a frequência das respostas e o percentual referente a cada IC desta.

	IC	Frequência	%
A	Tira do jogo e conversa	5	50
B	Conversa	8	80
C	Tira do jogo depois volta	2	20

TABELA 5– Caracterização das ideias centrais, frequência e percentual de respostas para a pergunta: Quando você percebe que um jogador está muito nervoso e agressivo (violento), o que você faz?

DSC1: referente à ideia central: A – Tira do jogo (S1, S4, S6, S7, S8).

“Se ele estiver muito agressivo eu tiro ele da quadra para tentar se acalmar e tentar ficar mais tranquilo, e se eu perceber que ele continua agressivo ele não volta para o jogo, eu o substituo e tenho uma conversa com ele depois porque eu corro o risco dele machucar alguém ou até machucar ele mesmo.”

DSC2: referente à ideia central: B – Conversa (S1, S2, S4, S5, S6, S7, S9, S10).

“Chamo e oriento ele para ficar calmo, tranquilo é importante conversar com ele, explicar que ele iria cometer um erro, explicar para os demais que aquilo seria um erro para que os outros absorvam a informação mostrar que talvez esta situação possa até prejudica-lo no jogo, até o resto da equipe, então peço para ele se acalmar, para ele manter a cabeça no lugar.”

Segundo Bandura (1979) o comportamento agressivo pode ser aprendido mediante um modelo social. O autor enfatiza que condutas indesejáveis podem ser eliminadas mediante modificação de conduta. No DSC1 (50% dos treinadores) e no DSC2 (80% dos treinadores) têm a preocupação de orientar o seu atleta a evitar o

comportamento agressivo com intenção de machucar, alertando que este tipo de conduta é indesejável no âmbito esportivo. A diferença nos discursos (DSC1 e DSC2) está no fato que no DSC1 os treinadores além de orientar seus atletas, também os retiram da partida.

Para Hokino e Casal (2001, p. 1) os treinadores, agindo dessa maneira, podem influenciar na formação da personalidade do atleta de tal forma que pode até mesmo ter consequência na forma dele experimentar e vivenciar sentimentos podendo ele, assim “expressar sua agressividade de maneira adequada, ou seja, poderá se proporcionar um autocontrole, que favorecerá o seu rendimento esportivo e influenciará na sua Educação Social, Cultural e Desportiva”.

CONCLUSÃO

Com base nos resultados pode-se observar que esta amostra não tem clara a diferença entre agressividade, agressão e violência, e que para muitos a agressividade é entrar “duro” contra o adversário. Acreditam que o comportamento agressivo dentro do esporte é utilizado muitas vezes, como instrumento para busca de uma vantagem sobre o adversário e não é considerado algo negativo, mas necessário para que o atleta tenha uma postura mais combativa e positiva dentro de uma partida.

A possibilidade da agressividade se tornar agressão é grande, pois não há uma mensuração do nível de agressividade instrumental empregada pelo atleta. Considerando que para atingir seu objetivo ele pode ferir a si mesmo ou ao adversário, essa conduta, que de início tem um aspecto instrumental, pode se tornar hostil, agressiva e violenta.

Neste cenário, o treinador de categorias de base tem um papel fundamental, pois ele é um agente social que pode influenciar de maneira positiva ou negativa o comportamento de criança e adolescente que ainda estão em processo de formação. Visto que o comportamento agressivo é uma combinação de fatores que incluem a herança genética e fatores ambientais, caso este atleta, na base, tenha uma pré-disposição genética, a orientação dada pelo treinador poderá ser de fundamental importância na determinação de seu comportamento agressivo como um traço de sua personalidade.

Com base na análise qualitativa realizada neste estudo, podemos concluir os treinadores, em sua maioria sabe diferenciar agressividade instrumental e hostil, mesmo sem saber conceituar estas diferenças. Na prática eles não reforçam a utilização da agressividade instrumental verbal, ou seja, provocação com intuito de desestabilizar emocionalmente o adversário, pois sabem que rapidamente esta agressividade poderá se tornar hostil ou reativa. Quando a agressividade instrumental não é verbal, mas física, como “entrar forte no adversário” sem a intenção de machucar, ela é incentivada.

A maioria dos treinadores demonstrou ter preocupação em orientar seu atleta com o objetivo de evitar o comportamento agressivo, com intenção de machucar, alertando

que este tipo de conduta é indesejável no âmbito esportivo.

Seria importante que estudos em outras regiões fossem realizados a fim de ampliar a compreensão acerca dos conhecimentos, intencionalidades e efetividade das práticas formativas dos treinadores esportivos atuantes em categorias de base, no que se refere a esta complexa e fundamental temática integrante envolvendo o comportamento humano que é a agressividade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, E. V.; BEZERRA JR, B. Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 445-453, 2009.
- ANSHEL, M. **Sport psychology: From theory to practice**. Scottsdale: Gorsuch Scarisback, 1994.
- BANDURA, A. *Psychological mechanisms of aggression*. In: VONCRANACH, M.; FOPPA, W. K. LEPENIES; PLOOG, D. **Human ethology: Claims and limits of a new discipline**. Cambridge: Cambridge University Press. 1979.
- BANDURA, A.; UNDERWOOD, B.; FROMSON, M. E. *Disinhibition of aggressive through diffusion of responsibility and dehumanization of victims*. **Journal of Research in Personality**, v. 9, p. 253-269, 1975.
- BARBANTI, V. J. **Formação de sportistas**. São Paulo: Manole, 2005.
- BARON, R. A.; RICHARDSON, D. R. **Human aggression**. 2º ed. New York: Plenum, 1994.
- BARROSO, M. L. C.; KREBS, R. J.; VELHO, N. M.; FENSTERSEIFFER, A. C. B.; ROTTA, T. M. Fatores que geram violência no futebol: uma análise psicológica na região sul do Brasil. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 9, n. 2, p. 154-158, 2007.
- BARROSO, M. L. C.; VELHO, N. M.; FENSTERSEIFFER, A. C. B. A violência no futebol: revisão sócio-psicológica. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 7, n. 1, p. 64-74, 2005.
- BARTHOLOMEU, D.; MACHADO, A. A. Estudos iniciais de uma escala de agressividade em competição. **Interação em Psicologia**, v.12, n.2, p. 189-201, 2008.
- BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa: do nascimento à terceira idade**. Tradução: ALENCAR D, C. Revisão técnica: HENSCHER, C, L. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- BIAGGIO, A. M. B. **Psicologia do desenvolvimento**. 9º ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BIDUTTE, L. C.; AZZI, R. G.; RAPOSO, J. J. B. V.; ALMEIDA, L. S. Agressividade em jogadores de futebol: estudo com atletas de equipes portuguesas. **Psico-USF**, v. 10, n. 2, p. 179-184, 2005.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Características da investigação qualitativa. In: **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Porto Editora, 1994.
- BREDEMEIER, B. The assessment of reactive and instrumental aggression. In: **Wingate Institute for Physical Education and Sport (Org.) Proceeding of the International Symposium of Psychological Interventions in Sport**, p.136-145. Netanya, Israel: Wingate Institute for Physical Education and Sport, 1978.

- BREDEMEIER, B. **The positive effects of instrumental aggression**. 2000. Disponível em <<http://chat.carleton.ca/~jlandgo2/aggression.html>>. Acesso em 10 mai. 2013.
- CANDAU, V. M.; LUCINDA, M. C.; NASCIMENTO, M. G. **Escola e Violência**. 2º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DIAS, E. O. Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. **Revista Natureza Humana**, v. 2, n. 1, p. 9-48, 2000.
- EIBL-EIBSFELD, H. Implications of psychology in training and preparation. In: ORLICK, T.; SALMELA, J. H.; PARTINGTON, J.T. (Org.) **Mental training for coaches and athletes**. Ottawa: Coaching Association of Canada, 1998.
- FERNANDEZ, A. A Agressividade, qual teu papel na aprendizagem? In: GROSSI, E. P.; BORDIN, J. (Org.). **Paixão de aprender**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FRANÇA, S. L.; YAEGASHI, S. F. R. A agressividade na infância: um estudo sobre suas causas e consequências. **Revista Iniciação Científica CESUMAR**, v. 7, n. 1, p. 11-18, 2005.
- GEEN, R. G.; STONNER, D. Effects of aggressiveness habit strength on behavior in the presence of aggression – related stimuli. **Journal of Personality and Social Psychology** v.17, p.149-153, 1971.
- GONÇALVES, J. C. S.; CARVALHO, C. A. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avançados e resistências. **Caderno EBAP.BR**, v. 4, n. 2, 2006. Disponível em <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/mercantiliza%C3%A7%C3%A3o-do-futebol-brasileiro-instrumentos-avan%C3%A7os-e-resist%C3%Aancias>>. Acesso em 08 abril 2013.
- GUIMARÃES, N. M.; PASIAN, S. R. Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 1, p. 89-97, 2006.
- HOKINO, M. H.; CASAL, H. M. V. A aprendizagem do judô e os níveis de raiva e agressividade. **Revista Digital Buenos Aires**, v. 6, n. 31, 2001. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd31/raiva.htm>>. Acesso em 15 abril 2013.
- HOUAISS, A., VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. (Orgs.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O Discurso do Sujeito Coletivo: Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**. Caxias do Sul: Educs, 2003.
- LIMA, M. A.; MARTINS, C. J.; CAPRARO, A. M. Olimpíadas modernas: a história de uma tradição inventada. **Revista Pensar a Prática**, v.12, n. 1, 2009. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/5874/5344>>. Acesso em 15 março 2013.
- LORENZ, K. **On Aggression**. Tradução de: Marjorie Kerr Wilson. Harcourt, Brace & World, 1966.
- MACHADO, A. A.; BRANDÃO, M. R. F. Performance esportiva de adolescentes: influências psicológicas externas. **Motriz**, Rio Claro, v.12 n.3 p.262-268, 2006.
- MACHADO, A. A.; GOMES, R. A.; BRANDÃO, M. R. F.; PRESOTO, D. Especialização esportiva precoce: análise da psicologia do esporte. **Revista Pulsar Revista da Escola Superior de Educação**

Física de Jundiaí. v.2, n. 1, 2010. Revista eletrônica. Disponível em <http://www.esef.br/revista/index.php/pulsar/article/viewFile/2/3>. Acesso em 03 abril 2013.

MANUCK, S.B.; FLORY, J. D.; MULDOON, M.F.; FERRELL, R.E. Central nervous system serotonergic responsivity and aggressive disposition in: **PhysiolBehav.** v.77, n 4-5, p. 705-709, 2002.

MCCORD, W.; MCCORD, J. **Origins of crime.** New York: Columbia University Press, 1959.

MENDES, D. D.; MARI, J. de J.; SINGER, M.; BARROS, G. M.; MELLO, A. F. Estudo de revisão dos fatores biológicos, sociais e ambientais associados com o comportamento agressivo. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 31, n. 2, p. 77-85, 2009.

NISHIOKA, S. A.; PERIN, E. A.; SAMPAIO, A. S.; CORDEIRO, Q.; CAPPI, C.; MASTROROSA, R. S.; MORAIS, I. A.; REIS, V. N. S.; ROSÁRIO, M. C.; HOUNIE, A. G. O papel do polimorfismo funcional VNTR da região promotora do gene MAOA nos transtornos psiquiátricos. **Revista psiquiatria clínica**, v. 38, n. 1, p. 34-42, 2011.

PATTERSON, G.R. *Coercive family processes.* Eugene, O.R.: Castalia, 1982.

PEREIRA, J. Violência: Uma Análise do “Homo Brutalis”. **Coleção Atualidade.** v 1. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

PIETRO, P. P.; JAEGER, F. P. Agressividade na infância: análise psicanalítica. **Revista Visão Global**, v. 11, n. 2, p. 217-238, 2008.

PUJALS, C.; VIEIRA, L. F. Análise dos fatores psicológicos que interferem no comportamento dos atletas de futebol de campo. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 13, n. 1, p. 89-97, 2002.

RICC, R. Violência e Perplexidade. **Revista Espaço Acadêmico**, v.1, n. 10, 2002. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/010/10ruda.htm>>. Acesso em 08 abril 2013.

ROMERO, E.; SILVA, M. C. S.. Refletindo sobre a agressividade e coragem como qualidades aos atletas de handebol. **Revista Esporte e Sociedade**, v. 5, n. 13, 2010. Disponível em <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1305.pdf>>. Acesso em 24 março 2013.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte:** manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. Editora Manole; São Paulo; 2002.

SANTOS, A. R. R. Espírito esportivo: fair play e a prática de esportes. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 4, n.4, p.13-28, 2005. Disponível em <<http://www3.mackenzie.com.br/editora/index.php/remef/article/viewFile/1306/1012>>. Acesso em 05 abril 2013.

SHAFFER, D. R. – **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência.** Tradução: Cíntia Regina Pemberton Cancissu. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SOFIA, R.; CRUZ, J. F. Adaptação e características psicométricas da “escala de agressividade e raiva competitiva”: estudo preliminar com futebolistas portugueses. **Gymnasium Revista de Educação Física, Desporto e Saúde**, v. 3, n. 1, p. 218-237, 2012.

SOUZA, M. A.; CASTRO, R. E. F. Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 4, p. 837-845, 2008.

TASSONI, E. C. M. **A dinâmica interativa na sala de aula: as manifestações afetivas no processo de escolarização.** Tese (Doutorado área de Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP. 2008.

THOMAZ, J.R e NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3ªed.Artmed, 2002.

VILHENA, J.; MAIA, M. V. C. M. Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento antissocial e sua inscrição na cultura contemporânea. **Revista Mal-Estar E Subjetividade**, v. 2,n. 2, p. 27- 58, 2002.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed; 2001.

WIDOM, C.S.; BRZUSTOWICZ, L.M. *MAOA and the "cycle of violence:" chidhood abuse and neglect, MAOA genotype, and risk for violent and antisocial behavior*. **Biol Psychiatry**. v.60, n. 7, p. 684-689, 2006.

WINNICOTT, D. W. **Agressão. Em Privação e Delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. (Original publicado em 1939).

_____. **Collected Papers: Through Paediatricsto Psycho-Analysis**. Tradução de: Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

_____. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

_____. Raízes da agressão. In: _____. **Privação e delinquência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994. (Edição original: 1964)

_____. A tendência anti-social. In: Winnicott, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.(Trabalho original publicado em 1951).

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-58-1

